

CINEMATECA PORTUGUESA—MUSEU DO CINEMA  
IR AO CINEMA EM 1975  
2 e 8 de maio de 2024

## THREE DAYS OF THE CONDOR / 1975

*(Os Três Dias do Condor)*

um filme de Sydney Pollack

**Realização:** Sydney Pollack / **Argumento:** Lorenzo Semple Jr., David Rayfiel, segundo o romance de James Grady / **Fotografia:** Owen Roizman / **Direcção Artística:** Stephen B. Grimes / **Montagem:** Don Guidice / **Música:** Dave Grusin / **Intérpretes:** Robert Redford (Joseph Turner/O “Condor”), Faye Dunaway (Kathy Hale), Cliff Robertson (J. Higgins), Max Von Sydow (G. Joubert), John Houseman (Mr. Wabash), Addison Powell (Leonard Atwood), Walter McGinn (Sam Barber), Tina Chen (Janice Chon), Michael Kane (S.W. Wicks), Michael B. Miller (Fowler), etc.

**Produção:** Stanley Schneider para Dino de Laurentiis Productions e Paramount / **Cópia:** digital, colorido, legendado eletronicamente em português, 117 minutos / **Estreia Mundial:** New York, em 24 de Setembro de 1975 / **Estreia em Portugal:** cinema Tivoli, em 29 de Setembro de 1978; **Reposição:** cinema Politeama, em 6 de Agosto de 1981.

---

Embora tenha sido intérpretes do segundo filme de Sydney Pollack, **This Property Is Condemned/A Flor à Beira do Pântano** (1966), foi só seis anos depois que Robert Redford se tornou o cúmplice oficial de Pollack. Tudo começou com **Jeremiah Johnson** que resultou de um projecto pessoal de Redford, a que Pollack aderiu. A partir de então, e até **Havana** (1990), o actor aparece alternadamente nos filmes do realizador: **The Way We Were/O Nosso Amor de Ontem** (1973), **Three Days of the Condor** (1975), **The Electric Horseman/O Cowboy Eléctrico** (1979), **Out of Africa/África Minha** (1985) e **Havana**, com resultados que vão (na bilheteira) entre o mega-sucesso de **Out of Africa**, ao “flop” estrondoso de **Havana**, conjunto de filmes que, em termos temáticos e estéticos não oferecem qualquer novidade. No primeiro caso os filmes revelam uma exploração de fórmulas antigas envoltas em problemas novos, em géneros bem conhecidos como o melodrama romântico, refeito de forma hábil (com paisagem de África em pano de fundo) em **Out of Africa**, ou menos feliz na sua tentativa de recriar o clima de **Casablanca** em **Havana**.

**Three Days of the Condor** é uma muito hábil exploração do tema da espionagem, que desde 1962 (em especial) com o começo das aventuras do agente 007 ao serviço de S. Majestade, James Bond, em **Dr. No/O Agente Secreto 007**, se tornara tema de moda. Contudo, a perspectiva de **Three Days of the Condor** nada tem já a ver com a dos filmes “clássicos” de espionagem, devido a um acontecimento que traumatizou a América: o caso Watergate, de 1972, que levou ao *impeachment* do presidente Richard Nixon. O que o assalto à dependência do Partido Democrata em Washington provocou foi uma perda de confiança nas instituições, que, de certo modo, levou ao desenvolvimento de teorias de conspiração

que viam em qualquer acto anódino de responsáveis, intuitos e objectivos inconfessáveis. Literatura e cinema irão explorar, com frequência, essa psicose, onde a C.I.A. em especial vai ser o bombo da festa. Quando surge **Three Days of the Condor** já se anunciam as filmagens do caso Watergate, que se estreará no ano seguinte, no filme **All the President's Men/Os Homens do Presidente**, dirigido por um *compagnon de route* de Pollack, Alan J. Pakula e interpretado por (*who else?*) Robert Redford, ao lado de Dustin Hoffman.

A exploração das psicoses à volta das teorias de conspiração em **Three Days of the Condor** revela-se logo nas alterações feitas pelo argumento ao romance original de James Grady, substituindo um caso de droga por uma conspiração política. Esta conspiração destina-se, no fim de contas, a fugir a responsabilidades em actos planeados (a *História da C.I.A.*, de Tim Weiner, recentemente publicada, é pródiga em situações semelhantes). No caso do argumento de Lorenzo Semple Jr. e David Rayfiel, tem a ver com uma operação clandestina no Médio-Oriente, acidentalmente descoberta por um dos seus funcionários numa pequena repartição de recolha de dados camuflada sob a designação de American Literary Historical Society. O atento agente é Joe Turner (Robert Redford) e a agência vê-se obrigada a enviar uma brigada clandestina chefiada por um assassino profissional, Joubert (Max Von Sydow) para liquidar integralmente a célula. Joe, que saíra pelas traseiras para ir buscar o almoço para a equipa, encontra esta aniquilada e vê-se forçado a uma retirada estratégica que se transforma em fuga e luta pela vida quando, após contactar a C.I.A. se vê transformado em alvo a abater. Hoje em dia tal tema, que continua a progredir alegremente nas telas, transformar-se-ia numa imparável sucessão de violência, ginástica e efeitos pirotécnicos. O filme de Pollack não é nada disso. É antes uma hábil sucessão de manobras onde a inteligência da personagem de Joe consegue evitar uma série de ratoeiras, mas que, por si só, são insuficientes, principalmente no caso de querer denunciar a tramóia, única forma de poder evitar ser abatido anonimamente. A solução para Turner será expor o caso através da imprensa e é neste ponto que o caso Watergate se reflecte neste filme, pois foi a imprensa que expôs e desenrolou aquela intrincada teia. Porém, este optimismo liberal, esta fé cega no poder da imprensa é mitigada pelo cepticismo que espreita no final, no encontro entre Joe e Higgins (Cliff Robertson) junto do edifício do *New York Times* quando Joe (explorando o efeito Watergate) diz ao responsável da C.I.A. que enviou toda a documentação para o jornal, enquanto Higgins lhe pergunta (e não será também fruto do Watergate?) se ele tem a certeza que vão publicar os documentos. Com a sua pergunta insinua-se outro poder, o da pressão e manipulação dos órgãos de informação que tem vindo a tornar-se mais evidente com o passar dos anos e a crise da imprensa (basta “ver” o mundo e ler os jornais ou ver as televisões). O último olhar de Joe, num plano paralítico parece reflectir a incerteza. Quão longe está este optimismo céptico de Pollack do idealista e entusiasta “*That’s the press, baby!*”, que Humphrey Bogart diz pelo telefone para o chefe mafioso que irá ser denunciado no último número do jornal que dirige em **Deadline U.S.A./A Última Ameaça**, de Richard Brooks (1952).

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico